

## Aprendendo sobre a prática da enfermagem na era COVID-19

Elsa Patricia Velarde-Pacheco<sup>1\*</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Humano e Organizacional  
Colegio Sonorense de Enfermeras  
Hermosillo, Sonora, Mexico.  
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9806-8315>

Autor para Correspondência:

Para a sociedade, governos e profissionais de saúde, a pandemia COVID-19 tem sido muito educativa de várias maneiras.

Em primeiro lugar, ensinou-nos que a globalização, quando entendida e aproveitada, pode trazer grandes benefícios, mas pode ter efeitos colaterais como a propagação de uma doença que pode ser letal. Em segundo lugar, apesar dos avanços tecnológicos, os diferentes sistemas de saúde não conseguiram conter a pandemia e, em decorrência dessa situação, a saúde pública tornou-se uma prioridade.

Terceiro aprendizado, como profissionais de saúde assumimos que trabalhar com a comunidade é um princípio básico do sistema de saúde em termos de saúde pública; entretanto, em nossa realidade não existe uma cultura promotora de saúde em nossa população, de modo que no contexto atual tem sido difícil compreender a importância das medidas impostas pelas autoridades sanitárias como medidas preventivas e, portanto, cumpri-las de forma eficaz. Os profissionais de enfermagem são um pilar importante no exercício da educação e promoção da saúde, por isso é necessária uma prática avançada de enfermagem para que o trabalho comunitário alcance os resultados esperados.

Quarta aprendizagem, como nunca antes, é claro que um enfermeiro com formação universitária formal, especialidade ou mestrado nas áreas do conhecimento da atenção básica, pode proporcionar essa formação que teria impacto favorável nos custos do sistema de saúde e até aumentar a qualidade de vida das pessoas. Este último, segundo Françoise Colliere, é o sentido original do cuidado à saúde, ou seja, desenvolver as capacidades ótimas do indivíduo, o que significa que por meio da educação damos ao indivíduo ferramentas para aprender a pensar, opinar e participar do que há de melhor. Para ele individual e coletivamente, como resultado obteríamos comunidades autodirigidas, saudáveis e realizadas a baixo custo.

No entanto, a quinta aprendizagem nos abre para uma realidade: Historicamente, nossa sociedade idealizou uma imagem em que as instituições e o governo nos fornecem todos os recursos para subsistir. No entanto, essa idealização gerou uma forma de co-dependência, controle e conforto que impactou negativamente nos hábitos e estilos de vida e, portanto, na saúde da população, onde mesmo os profissionais de saúde apresentam comportamentos prejudiciais aos seus. própria saúde. Ao contrário dessa imagem idealizada, a realidade é que faltam insumos e organização, e existe discriminação contra os profissionais de saúde, principalmente os de enfermagem.

Neste momento de pandemia, ficou evidente que os profissionais de saúde estão mais vulneráveis do que nunca, por isso, individualmente, cada um de nós teve que buscar formas de proteção, começando pelo autocuidado, e além disso, vimos a importância da capacitação e atualização constante para atender às recomendações mais atuais sobre isolamento e aspectos patológicos e epidemiológicos do vírus, que vão surgindo à medida que a crise de saúde avança ao longo do tempo.

Particularmente do ponto de vista da equipe de enfermagem, é possível compreender a experiência de quem atua nessas áreas. Porém, reconhece-se que os enfermeiros de diferentes níveis de cuidado vivem sua experiência de forma diferente, pois cada um exerce a enfermagem de acordo com os recursos disponíveis, pessoais e materiais, o que reflete o empoderamento dos profissionais, o que faz com que devamos analisar nossos processos cuidar, treinar e educar pessoal em risco, administrar suprimentos dentro e fora das instituições e, o mais importante, avaliar, analisar e tomar decisões para ajustar esses processos às situações do dia-a-dia desta pandemia.

Embora o pessoal de enfermagem tenha assumido esse empoderamento, eles não podem alcançá-lo individualmente; portanto, requerem o apoio de todos os envolvidos na assistência à saúde. A este respeito, torna-se evidente a necessidade de ter pessoal competente em cargos de gestão para gerir eficazmente os recursos e pessoal competente na área da saúde para fazer uso adequado de tais recursos, uma necessidade que se torna a sexta lição aprendida com a contingência de saúde COVID-19 .

Por causa disso, o trabalho colaborativo se torna o pilar mais gratificante e promissor.

O sétimo aprendizado tem a ver com nós mesmos, da forma como estamos praticando a enfermagem. Temos que parar um pouco e refletir: Não deveria ser uma prática diária chegar ao meu trabalho no hospital, tomar banho e me vestir com um uniforme limpo que nunca saiu do hospital? Não deveria tomar banho e ir para casa com as roupas civis em que cheguei? Não deveria ser a coisa certa a fazer? Não deveria ser a coisa certa a fazer? Enfermeiros de anos anteriores já nos disseram que isso era feito antes, mas as novas gerações deixaram de fazê-lo e as instituições deixaram de cobrar e investir nisso, de modo que hoje, por consequência, não há chuveiros e vestiários e faltam de armários pessoais nas instituições. Neste sentido, a eficácia da proteção de nós próprios e aos nossos familiares, amigos e sociedade em geral, depende em grande medida das nossas práticas preventivas, que incluem a gestão do uniforme médico e dos equipamentos com que entramos nas zonas de Covid, cumprindo com os princípios básicos da assepsia médica.

Além disso, no que se refere à proteção dos trabalhadores da saúde, o oitavo ponto de aprendizagem é: quem nos representa no Sindicato? Quem são os nossos dirigentes sindicais? As relações que estabelecemos com aqueles que nos representam são importantes. A participação do enfermeiro nos sindicatos de todas as instituições é imprescindível, como grêmio, devemos ser representados por um membro ativo de nossa profissão, e em tempos difíceis como os que vivemos, representação que defende os direitos e a segurança dos profissionais de enfermagem. com total conhecimento e compreensão torna-se extremamente necessário.

Além disso, os dirigentes que integram as associações de enfermagem têm a obrigação de apoiar incondicionalmente os profissionais de enfermagem, para que não se sintam sós, devam dar-lhes ideias; além disso, devem ser formadas elites intelectuais para ajudá-los a tomar as melhores decisões, para que os órgãos dirigentes dos hospitais vejam que a enfermagem tem o que se chama de “inteligência de enxame”, que é uma inteligência coletiva que permite melhores resultados. Devemos promover a presença do enfermeiro nos locais de trabalho e nos cargos administrativos onde são tomadas decisões importantes, que impactam os profissionais de enfermagem que hoje estão na vanguarda da pandemia COVID-19.

Eu me pergunto por que tantos profissionais de saúde morreram no México? Segundo a revista “The Lancet”, somos o país com mais mortes no mundo, não é alarmante? O que está sendo feito para evitar isso? Há muito a aprender com a prática da enfermagem na era COVID-19, depois disso não seríamos mais os mesmos, com certeza temos que mudar individualmente e também como guilda profissional.

### **CONFLITOS DE INTERESSE**

O autor declara não haver conflito de interesses.

### **FINANCIAMENTO**

O autor afirmou que não houve financiamento para o desenvolvimento desta pesquisa e do artigo.

Direito autoral © 2020 SANUS

Artigo de acesso aberto distribuído sob licença Creative Commons

